DÉCADAS DE TERROR

PAULO TORRES

APRESENTAÇÃO

Essa obra retrata um período infeliz na vida do povo brasileiro marca vergonhosa na história do Brasil. Época em que tudo era censurado. Proibido.
Quando ser oposição ao governo era ser traidor da pátria.
Onde alguns generais se sentiam no direito de torturar, confiscar e matar qualquer uma pessoa
que ousasse discordar deles.
Época em que políticos e militares se aproveitaram para dedurar seus adversários políticos.
Ou nas forças armadas. Muitos foram denunciados por invejosos.
Época em que se falava baixinho. Ao se formar um grupinho numa praça logo aparecia a Polícia mandando circular.
Reuniões autorizadas, mas nos cantos do salão estavam Agentes
Federais de óculos escuros monitorando tudo.
Onde brasileiros para poderem sobreviver tiveram que fugir do seu país.
Muitos entraram
para grupos terroristas para enfrentar o terrorismo oficial que era mais violento que o terrorismo clandestino.
É necessário lembrar que os fatos relatados são reais, mas os personagens são ficção.
Dedico essa obra aos hoje cinquentões como eu e na época jovens e adolescentes.
Também como eu, sobreviveram às décadas de terror.
Não podemos esquecer o que aconteceu.
Que Deus nos permita nunca mais
Uma ditadura. Viva a
Democracia!
Viva o povo brasileiro!
Paulo Torres.

DÉCADAS DE TERROR

CAPÍTULO 1

Dona Paula, esperava o marido, ansiosa, pois iam passar o fim de semana, em um sítio da família. O sítio ficava nos arredores da cidade maravilhosa, nosso Rio de Janeiro. Paula já arrumara tudo. Roupas, lanches, brinquedos. Olhou para o casal de lindos filhos. Meire, de seis anos, Marcos de quatro anos. Também eles estavam ansiosos.

_ Mamãe _ fala Meire _ E o papai não chega.

_ Ó filha, o papai vai chegar já! _ exclama a mãe beijando a testa da filha. _ talvez à uma hora dessas, ele esteja saindo do quartel.

_ Tomara _ falou a pequena já correndo na direção em que saíra o irmão.

Paula não estava assim tão calma. Principalmente naqueles dias agitados que sacudiam o país. Era a semana santa do ano de mil novecentos e sessenta e oito.

A revolução de 64 estava em sua fase de repressão mais dura. Mas quando o Tenente Bastos saia de folga, se envolvia com os colegas esquecia dela e ia beber cerveja! Pensava magoada Dona Paula.

Ela também sabia que o marido tinha alguns amigos que não eram bem vistos pelo regime. Bastos geralmente ia os visitar ou transmitir-lhe recados. Paula achava que o marido não ia ter desculpas daquela vez. Naquela tarde de Sexta-feira da paixão, era imperdoável que ele não estivesse ali desde cedo já que ele estava de folga!

Ali sozinha respirando sempre e o pensamento em vários lugares ao mesmo tempo; se imaginava esbofeteando aquele safado!

Ela que prometera não fumar naquele dia como sacrifício, quebrara o juramento e já fumara tantos cigarros.

Imaginara chegar cedo da tarde em casa de sua mãe no sítio Estrela. Sua mãe os esperava, mas parecia que tudo estava perdido.

A tarde corria lenta. Tivera que inventar mil desculpas para os pequenos. Falava mal de todos os homens. Naquele momento o telefone tocou:

_ Alô! Quem fala? _Perguntou Paula sem dar muita importância.

_ Dona Paula? _Perguntou o desconhecido sem se identificar.

_ Sim sou eu quem é que está falando? _Paula estava com raiva.

_ O tenente Bastos, não ira aí hoje tá? Ele me pediu para avisar. _Falou o cara.

_ E por que ele não me avisou? Ele podia ter me falado pessoalmente. _Reclamou ela.

_ Isso eu não sei. Estou cumprindo ordem, afinal, ele é meu superior.

_ Superior no quartel hoje Bastos está de folga, ora essa! _Tornou a esposa ferida.

_ Tudo bem não dá para brigar comigo em? Tchau Dona Paula! _O cara desligou.

Paula não respondeu. Era o fim, o fim da fase de esperança. Recolocou o aparelho e não conteve as lágrimas. Levantou-se e foi para o banheiro a fim de evitar que os filhos a vissem chorando. Agora sabia que o marido não estava na farra, mas existiam muitas dúvidas.

Anoitecia e teve que sair do banheiro. Não podia ficar ali por toda vida. Logo ao sair, Meire falou:

_ Mamãe e o papai?

_ Ele não virá hoje!_Falou a mãe sem graça.

_ Não virá hoje? _Repetiu Meire desolada.

_ Não virá! _Repetiu Paula e as lágrimas a interromperam.

_ Porque mamãe? Porque isso agora? _Perguntou a menina sem entender nada.

_ Não sei. _ Falou dura, mas logo se arrependeu _ Ó filha, eu não sei. Mamãe está tão nervosa! Parece que o papai vai ter que trabalhar hoje.

_ Há mamãe, e o passeio? E a vovó? _Resmungou a pequena.

_ Nada filha, nada disso. Vou arrumar nossa janta, você me ajuda? _Perguntou a mãe.

A menina enxugou os olhos. Respondeu chorando:

_ Não quero jantar!

Naquele momento chegou o Marcos. Meire foi dizendo:

_ Marquinhos, nós não vamos sair hoje! Não vamos a casa da vovó.

O pequeno chorou alto. A mãe tentou convence-lo sem obter resultado.

_ Vai Meire, sai com ele, vão olhar TV. _Paula queria ficar só.

Era um apartamento no centro do Rio de Janeiro. Não o mais caro ou mais sofisticado, no entanto um palácio. Isso comparando, com outros. A cozinha muito espaçosa, Paula, como um robô, vagava de um lado para outro, tentando engendrar um janta.

Seu pensamento girava e fazia mil cálculos, para entender o que estava acontecendo. Tentava banir do cérebro a idéia, de que o marido estivesse simplesmente em uma roda de amigos. Mas também sabia o quanto ele era chegado a farras!

Estaria de serviço? Também não. Ele teria folga naqueles dias santos. Mas como se explicava o telefonema? Mas quem garantia que o telefonema saíra mesmo do quartel? Bem se fora um subordinado do Bastos quem lhe garantia que ele falara a verdade?

Cansada desejou esquecer tudo. Ora, a noite passaria rápido, e no outro dia, o seu querido Bastos apareceria esclareceria tudo. Parecia tão fácil, na hora do fazer as coisas se complicavam. Não tinha certeza de nada.

Não se conformava Bastos não costumava dormir fora de casa, e ela havia feito tantos planos! Pelo menos a tarde e a noite estavam perdidas.

Por um instante, pensou em pegar os filhos, e ir para um restaurante farrear também. Desistiu, não ficaria bem sair à noite com duas crianças. E mais ela estava nervosa. De repente surgiu a idéia de ligar para o quartel.

Disseram-lhe que surgira uma emergência, Bastos fora incumbido de uma missão.

_ Logo hoje? Será que só existia ele? _ Protestou ela.

_ Calma Sra. Bastos é um militar, um Tenente. Nós não levamos em conta certos pormenores. Excursões ou namoricos! Nós levamos em contas outros critérios.

Dona Paula mordeu os lábios, devia estar em frente daquele sem vergonha! _ Seja o Senhor quem for, deveria me respeitar. O Senhor sabe que o Bastos, é um militar em função da família, e não a família... _ Respirou fundo. _ Não creio em missão assim tão urgente! Será que não está havendo outra revolução?

_ A senhora fala demais. No momento eu não posso dizer mais nada. _Falou ele.

_ Vocês são escravos da disciplina, escravos de exageros! _Criticou Paula.

_ Acalme-se. Acalme-se Dona Paula! _Preocupou-se o desconhecido.

Paula desligou, aí se lembrou de ligar para sua mãe. Teve que ligar para o posto telefônico próximo ao sítio, depois de vinte minutos sua mãe estava na linha.

_ Paula, Paula você que matar sua pobre mãe?

_ Ó mamãe, me desculpe. O Bastos não chegou ainda. E não virá hoje!

_ Por quê? _Admirou-se a senhora.

_ Não sei. Estranho. Outras vezes, eles me fazem ciente de tudo. E agora não me respondem, pelo menos satisfatoriamente. Planejei tudo, tudo foi por água abaixo. Estou arrasada!

_ Você me parece nervosa filha! _Falou a mãe.

_ Estou nervosa sim. Não é preciso disfarçar. _Paula estava magoada.

_ Mas é só porque foi tudo cancelado? _Perguntou a velha senhora.

_ A senhora acha pouco? _Paula estava cada vez, mas nervosa.

_ Não é isso, quero saber se não há outros problemas. Você sabe que muitos militares simplesmente desaparecem...

_ O que a senhora que dizer com isso?__A expressão do rosto de Paula mudou.

_ Nada não, esqueça filha! _A senhora votou a trás.

_ Até eu falar com a senhora, era apenas o desgosto de tudo ter sido cancelado, mas agora a senhora me fez ficar mais preocupada!

_ Ó filha, não foi essa minha intenção! Tire o que eu falei da sua cabeça. Não acharia melhor vir para cá imediatamente?

_ Não mamãe, o Bastos, poderia aparecer a qualquer hora, aliás, é isso o que eu desejo.

_ Ora, deixa um escrito, dando conta do que você fez, ele virá procurá-la aqui.

_ Não mamãe, só amanhã é que eu tomarei qualquer decisão;

A despedida foi pesada. Dona Ester, havia colocado mais uma preocupação na alma angustiada da filha.

Paula prometeu a si mesma, não pensar nos problemas, por aquela noite. No outro dia bem cedo, o Bastos estaria em casa. Tudo não teria passado de um susto.

Depois que desligou o telefone, passou longo tempo ali sentada. Remoendo em seus pensamentos. Depois de algum tempo despertou do seu torpor, levantou-se foi à sala da TV. Marcos dormia. Meire olhava para a tela como se estivesse de castigo.

Um arrepio de cumplicidade percorreu o ser perturbado de Paula.

_ Ó filhinha, vamos jantar! _ falou com carinho.

_ Papai está viajando?__Perguntou a pequena.

_ Sim, pobre Marquinhos vai dormir sem janta!

_ Acho que eu também, queria a janta da vovó!

_ Só outro dia filha. _A mãe prometeu.

Desligou a TV tomou o filho nos braços, e levou-o para sua cama. Meire desconsolada seguia a mãe.

O jantar transcorreu triste. Mãe e filha sem apetite. Paula mergulhada em pensamentos horríveis. O que sua mãe falara fazia sentido Bastos não era bem visto por setores militares. Só que de nada tinha certeza. Desejou não pensar em coisas tristes, infelizmente, eram coisas tristes que vinham a sua cabeça!

Terminado o jantar, se é que, podia ser chamado assim. Meire adormece imediatamente. Paula não. Os olhos secaram, virava-se de um lado para outro, sem conseguir dormir. Levantou-se, voltou à sala da TV e ligou o aparelho; Transmitiam direto da catedral. Celebração da paixão de Cristo.

Será que a agonia de Cristo fora assim? Talvez pior. Não sabia. Agora ela já não xingava o marido. Dedicou os seus nomes feios para os superiores dele. E, repassando de superior a superior, foi relembrando pessoas que foram punidas, pelo regime, e que eram amigos de Bastos. Uma suspeita passou-lhe pela cabeça: Será que o Bastos, não... Ela não quis concluir. Não era possível, Bastos punido? Ó não! Afinal obedecia em tudo ao comando. Talvez fosse uma simples missão. Uma porcaria qualquer e ela ali se matando.

“Finalmente” ela pensava que era o final! Pegou um livro e foi ler. Queria provocar o sono, não deu resultado. O enredo do romance não lhe agradou. Começava narrando uma tragédia, aumentando-lhe a tensão.

Fechou o livro e os olhos também. Sentiu medo. Não sabia do que, mas sentiu. O coração disparou. Abriu os olhos assustada e quase gritou. Sentiu pavor, olhou ao redor nada viu. Ergueu-se da cama e saiu pé ante pé. Foi ao quarto dos filhos trêmula, pegou Meire, que dormia, e a levou nos braços até sua cama, respiração acelerada, parecia cansada. Fugia não sabia de que. Mais rápido, pegou o Marcos levando-o também para o seu quarto. Fechou a porta, jogou-se na cama, abraçando-se com os filhos.

Ali com o coração aos pulos, sentindo a pulsação dos filhos, pareceu mais tranquila, porém o medo não lhe abandonou. Arrependia-se de não ter ido para a casa da mãe.

O que estaria acontecendo com ela? Nunca havia sentido tanto pavor. Pensou em tomar um calmante, desistiu logo. Não teria coragem de sair dali. Certamente o seu único calmante, seria adormecer ali entre os filhos!

Bastos raramente dormira fora de casa, e era aquela a única noite que sentia medo. Lembrava muito bem, que assistia filmes, cantarolava e percorria a casa toda, sozinha e sem medo. E agora? Porque tudo aquilo?

A muito custo conseguiu desviar o pensamento, para o seu passado se tempo de moça. Não era rica, mais seus pais conseguiram que ela se formasse. Fora na faculdade que conhecera o Aldo, Aldo Bastos. E era por Bastos que ela sempre o tratava.

Começava sem pretensões. Eram colegas trabalhavam juntos pesquisando. Aos poucos aquela amizade simples, se transformou num grande amor. Ela pensava, que nem tão cedo ia tomar conta de uma casa, aos poucos aquilo se tornou normal. Nunca se arrependera, pelo menos até aquele momento.

Lembrava o empenho de uma colega em roubar-lhe o noivo, causara intrigas que de nada adiantou.

Casaram-se e no mesmo ano, o marido entrara para o exército. Profissão que ela adorava. Só que em contra partida, tinha os inconvenientes. Era a disciplina que ela achava exagerada.

Lembrava o movimento de sessenta e quatro, há quatro anos atrás. Seu marido nunca comentava em casa, de que lado ele estava. Ela, curiosa, mas nunca se atrevera a perguntar. Sabia apenas, que ele às vezes parecia estar pensativo. Embora ela nunca acreditasse nos motivos que ele alegava ter.

Daí o nascimento dos filhos veio ocupar seu cérebro. Seu passado, alegrias e tristezas, tiveram a vantagem de fazê-la, quase esquecer, de que estava só com as crianças. De repente, sentiu o pensamento falhar. Era o sono que chegava!

* * *

CAPÍTULO 2

Quinze horas em ponto. Sexta feira santa do ano de 1968. O Tenente Bastos, sai do gabinete e se dirige a garagem. Entra em seu fusca e sai. Na guarita identificou-se, e, em pouco tempo estava na rua.

Naquele momento outro oficial, pega o telefone:

__ Alô, Zenaldo, aí vai ele!

__ Sim senhor, saiu agora mesmo do quartel. _Informou o soldado.

__ Cuidado para que esses Repórteres não o vejam. _Avisou o chefe.

__ Farei tudo certo. Um repórter, não teria coragem de denunciar, ou ao menos, noticiar, o que vai ocorrer. _Respondeu o subordinado confiante.

__ Eu sei, mesmo assim é melhor para nós e para o Brasil, não darmos na vista.

__ Entendo isso razoavelmente bem!

O oficial desligou, pegou um cigarro, acendeu-o e soprou a fumaça.Falou para o auxiliar:

__ O que você acha de um cara, que tem uma carreira militar, tem tudo e trai o país?

__ É um criminoso! _Exclamou o auxiliar.

__ Pois bem, nosso povo odeia comunista. Quem é comunista é contra o povo.

__ Eu sei. Mas o tenente Bastos... _O auxiliar não completou o pensamento.

__ O tenente Bastos é um comunista! Um traidor, nunca se esqueça disso. Entendeu?

__ Entendi sim senhor. Não me esquecerei, pode deixar! _Falou o subordinado.

__ O tenente Bastos deve pagar pelos seus crimes! _Insistiu o oficial.

O auxiliar quis dizer que, se o tenente Bastos tinha crimes, porque não era preso oficialmente? Ficou calado. Suspirou:

__ Sim Senhor, posso sair? _Perguntou o auxiliar

__ Pode. Vá passar à tarde da agonia com sua família. _Riu o oficial.

***

O tenente Bastos acendeu um cigarro, no momento em que parou diante de um sinal. Pensava na mulher e nos filhos. Teriam uma folga merecida. Era um ano agitado. Manifestação de estudantes para todo lado.

Não concluiu o pensamento. Um cara apareceu ao seu lado, e apontou-lhe uma arma.

__ Uma carona tenente? _Falou o cara.

Bastos, vendo aquilo tratou de afastar-se e sair pela outra porta e assim procurar melhor posição. Naquele mesmo instante a outra porta se abria e outro cara entrava, apontando-lhe uma arma.

__ Mais para cá tenente, é melhor o Senhor não dirigir!

Bastos sabia que não adiantava reagir. Escorregou para o centro do banco. O cara da esquerda entrou e tomou o volante. O sinal abriu. Uma centena de buzinas cortou o ar.

__ O que vocês querem? _Murmurou o tenente.

__ Queremos sua pele! _Falou o intruso.

Bastos mordeu os lábios.

__Para que querem minha pele? Quem são vocês?

__ Uma pergunta de cada vez. _ Falou o cara da direita, enquanto o carro deslizava normalmente pela pista. _ Você é um traidor. Pensa que não sabemos do apoio que dá a terroristas?

__ É? E porque agiram como terroristas para me prender? Não estava eu todos os dias no quartel?

__ O Senhor sabe a resposta Tenente.

__É verdade, noticiarão que dois terroristas, sequestraram o tenente Bastos.

O cara riu alto:

_ Exatamente!

__ Nesse caso vocês não têm provas contra mim.

__ Doutor tenente Bastos, _ Falou o motorista_ O Senhor Sabe como são os terroristas. Nunca se têm provas, concretas contra eles. Sempre negam, além disso, são tantos casos que tumultuariam processos. E, além do mais a opinião pública já está cheia de noticias. Militar fulano foi preso e enquadrado, no seu caso essa responsabilidade, cairá sobre os terroristas. Entendeu?

__ Na verdade não há terroristas. O que existe, são pessoas, na maioria, ardendo de amor pela pátria; e que acham que este não é o melhor Regime.

__ Depois o Senhor falará que não disse isso!

__ Nunca neguei meus princípios. _Retrucou ele.

__ Gostaria de ver esse herói! _Falou o cara zombando.

Bastos mordeu os lábios, continuou:

__ Não simularam nenhuma perseguição?

O motorista sorriu:

__ Veja ao lado. O Senhor é inteligente!

Era verdade, naquele momento emparelhava-se com o fusca, um carro da polícia, com as sirenes ligadas. O fusca fez um zigue zague e foi se distanciando. O

carro da polícia que geralmente, cobre qualquer distancia em alta velocidade, aos poucos foi ficando para trás.

__ Bem simulado, _falou o tenente. _ O que farão comigo?

__ Não tenha pressa. Assim o Senhor, sofrerá duas vezes.

***

Três viaturas da polícia voltavam da caça aos “terroristas”. Um policial ao ser interrogado por um repórter, falou:

__ Dois terroristas, mascarados sequestraram o Tenente Bastos. Gostaria, no entanto que não publicassem isso logo, a Dra. D. Paula, esposa do Tenente, poderá ter um choque! Precisamos entrar em contato com ela, preveni-la, e colocar um médico a sua disposição.

__ Pararam as buscas? _Continuou o repórter.

__ Não. Apenas vamos planejar melhor. O flagrante é impossível.

Enquanto em todo mundo, se relembrava o sofrimento de Cristo, se tramava como Judas, uma traição que bagunçaria toda uma família.

O próprio comandante chefe das operações de caça aos comunistas se dirigia a igreja, para lamentar a marte daquele que julgava ser seu DEUS.

Enquanto os comunistas da União Soviética, e países comunistas; eram ateus declarados, faziam as obras de ateus. No Brasil, os cristãos diziam uma coisa e faziam outra. Falavam como cristãos e agiam como ateus. Tornando-se mais odiáveis que um ateu confesso!

Mas isso, deveria ser questão de princípios. Tinham a consciência limpa como Pilatos defendiam a Pátria, e seus interesses. . .

Voltemos ao Fusca. Logo depois que as viaturas policiais se afastaram, o motorista parou diante de um portão, que se abriu o carro foi introduzido em uma garagem. O tenente Bastos foi transferido para outro carro, agora amarrado e amordaçado.

O Fusca ficou lá, enquanto o seu dono saia imóvel dentro de outro carro. O motorista falou para um cara da garagem:

__ Rápido, retire o Fusca, e deixe-o no local combinado, tá?

__ Entendido, Senhor!

O tenente Bastos, notou que o carro ia mais rápido que outros. Ele agora não podia falar, e era tratado com indiferença. No assoalho do carro, sua cabeça às vezes batia com força. As suas mãos atadas não deixavam que ele se protegesse. Rangia os dentes e pensava em sua família. Ele errara em não ter prevenido a esposa, quanto ao perigo que o rondava.

Na verdade ele não falara nada sobre as ameaças que sofrera. Ele se recusara a torturar presos, colegas seus. Fora flagrado em contato com suspeitos comunistas. Na verdade ele não admirava comunista e ainda não era um deles. Simplesmente, era contra a tal revolução, que era endeusada. Para ele fora um golpe de estado. Financiado pelos Estados Unidos. Com a finalidade de frear e calar a boca dos Sindicatos e movimentos populares!

Agora ele percebia que sua querida Paula devia ter sabido disso antes. Quem sabe talvez evitar um pouco do seu sofrimento. Se é que era possível! Mas apesar das ameaças ele nunca acreditara que eles fossem executá-las. Enganara-se. Por outro lado estava conformado, por não ter traído os seus princípios. Estar olhando o

teto do carro. Imaginava poder escapar, mas como? Pelo menos devia deixar pistas. Tentar desmontar aquela farsa. Como? Precisava dizer que os terroristas que o sequestraram, era nada menos que policiais. Os próprios militares. Também não parecia poder fazer nada!

Não tinha a mínima noção de para onde estava sendo levado. Meia hora mais ou menos o carro parou. Tornaram transferi-lo para outro carro. Desta vez era uma Veraneio da polícia Rodoviária Federal.

Agora amarraram um pano sobre os seus olhos. A viagem continuou. Duas horas mais ou menos, sentiu uma agulhada no seu músculo direito. Era uma injeção, para que, não sabia. Não reagiu! Ainda percebeu o carro parando. E foi só. Perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, era noite. Estava preso em uma pequena sela. Uma cama velha a um canto e só. Um homem apareceu trazendo-lhe um prato de comida. Bastos não se interessou pelo prato, mas perguntou ao cara:

__Que lugar é esse?

__ Uma prisão! _Respondeu o guarda secamente.

Bastos insistiu:

__ Isso eu sei, quero saber qual a cidade, o estado, sei lá.

__ Numa cidade qualquer! _Falou o cara zombando.

__ Eu sei disso imbecil, sabe quem sou?

__ Sei quem era. Hoje, o ex. - tenente Bastos. Ou melhor, terrorista Bastos.

Bastos rangeu os dentes:

__ Se eu fosse um terrorista, vocês teriam o prazer de me expor diante do povo. Entregar-me-iam para ser linchado por eles. Mas sabem que não é assim. Precisariam forjar um complicado paiol de provas e testemunhas falsas.

__ O Senhor sabe que eu sou soldado.

__ E por isso come o que lhe dão! _Falou Bastos.

__ Exatamente, cumpro meu dever. _Respondeu o cara.

__ Seu dever é não falar nada a respeito de lugar? _Perguntou o tenente.

__ Senhor deve ter percebido. Porque lhe trariam amordaçado? Olhos vendados? Não seria para esconder-lhe o destino? _Arrematou o soldado.

__ Está bem! Você não tem culpa. _Concordou Bastos.

O cara saiu. Bastos, desanimado pegou o prato e o atirou fora, derramando a comida ao incliná-lo a fim de passá-lo por entre a grade. Sabia que não ia ganhar nada com aquilo, mas também não perderia mais do que já perdera. O mesmo guarda veio outra vez à sela e vendo a comida derramada no chão falou:

__ Hum! O Senhor é bem zangado em?! _Falou o guarda.

Bastos de costas nem ligou. O guarda abriu a sela e foi colocar as algemas nos pulsos do tenente. Talvez para não ficar monótono falou:

__ Quantas vezes o Senhor fez isso em outros?

__ Nunca! Nunca fui policial. E menos ainda guarda de prisão. Vai algemar meus pés?

__ Não. Sabia que o seu bom humor pode acabar? _Zombou o guarda.

__ Pra mim tanto faz! _Foi a resposta do Bastos.

__ Vamos o chefe quer vê-lo. _Explicou o guarda.

__ Porque ele não vem aqui? _Respondeu Bastos fazendo outra pergunta.

__ Vamos, deixe de gracinha! _Replicou o guarda.

O guarda sacou a arma. Bastos simplesmente falou:

__ Dispara! Não serei o primeiro a morrer.

__ Senhor tenente, o Senhor não ganha nada com isso. Sabe que não está condenado. Irá depor poderá ser inocentado. _O guarda aconselhou.

__ Inocentado do que? _Perguntou Bastos com veemência.

__ Vamos tenente, o Senhor sabe que eu não vou disparar essa arma. Sabe também que irá, ou por bem ou por mal! Alias o Senhor gostaria que eu o matasse logo. Não quer descobrir nada, a respeito de seus cúmplices. _Falou o guarda.

__ Cale essa boca nojenta! _Falou Bastos com raiva.

O guarda não se admirava de o tenente ser assim durão. Fora avisado. Guardou a arma e falou com calma:

__ Vamos tenente, ou quer que eu vá buscar mais gente?

O tenente não respondeu. Seguiu o guarda. Ao percorrer os corredores, tudo iluminado, ia pensando no que iria fazer. Certamente não seria difícil dominar o guarda, mas não sairia dali com vida. Era melhor não se precipitar, precisava sondar o lugar.

***

O prédio parecia ser grande. O guarda o acompanhava conversando muito.

__ O Senhor, tenente tem muitos amigos?

__ Tinha, pelo menos alguns que diziam ser meus amigos.

Chegaram a um recanto. Um policial de plantão ao lado de uma porta o guarda entregou o prisioneiro para o policial e se retirou.

__ Senhor tenente o chefe que vê-lo. _Falou o desconhecido.

__ Ora, eu não mando em nada. _ Respondeu Bastos secamente.

O policial, sempre de cara feia abriu a porta e ordenou:

__ Entre!

Bastos nem olhou de lado. Entrou logo divisou um cara sentado atrás de uma mesa. Bastos sentiu o coração disparar. Não era possível! Sinval???

Não podia ser ele, devia estar sonhando! O cara em silêncio, parecia observá-lo. Finalmente falou:

__Tenente Bastos nunca pensei. Nunca esperei que fôssemos nos encontrar assim.

__ Você é o Sinval? _Perguntou Bastos embasbacado.

__ Sim. Sou o Sinval em carne e osso! _ sorriu ele.

Bastos estava pálido. Parado como uma estátua. Tanta recordação. Sinval, fora seu melhor amigo. Conheciam-se desde o colégio, fora seu padrinho de casamento. Em outras circunstâncias estariam abraçados. Pois há quase quatro anos não se viam. Aliás, Bastos estava ansioso para entrar em contato com ele. Agora ele estava ali.

__ Mas. . . Não posso acreditar. . . _Bastos resmungou.

__ Venha, vou tirar-lhe essas algemas. Somos amigos. Não importa o que seremos daqui a segundos. _Falou Sinval cínico.

Bastos ainda pálido se aproximou. Certamente o Sinval, estava ali. Naquele momento o seu pensamento se embaraçou todo. Notou as mãos do Sinval tremerem, seria emoção? Quando tirou as algemas falou:

__ Sente-se!

Eram tão amigos que não mandavam um no outro. Mas naquela hora Bastos obedeceu.

__ Como vai sua mulher? E as crianças? _Perguntou Sinval.

__ Como sabe que tenho crianças? _Perguntou Bastos admirado.

__ Veja aqui. _ Sinval apontou uma pilha de papeis _ Um dossiê completo seu!

__ Mas o que você faz aqui? _Perguntou Bastos ainda chocado.

__ Saberá depois. Como está sua família? _Sinval sorriu.

__ Saí de casa hoje cedo. Digo hoje, se ainda não for meia noite!

__ Vinte e uma horas e trinta minutos. Que saudades! Você lembra-se do nosso passado? _Perguntou Sinval meio nostálgico.

__ Claro que me lembro. Mas. . . Pelo que vejo, hoje somos mais estranhos que estranhos de verdade! _Comentou Bastos ainda desorientado.

__Eu concordo, mas sinto saudades daquele tempo. _Concluiu Sinval.

__ Foi mandado para me adular? _Perguntou Bastos caindo na real.

__ Não. Mas se você mudar de idéia, eu posso até solucionar esse caso. _Prometeu ele.

__ Não tenho do que me arrepender. Lamento você ter se vendido. Nós éramos ardorosos pelos mesmos ideais. Assim eu pensava. _Comentou Bastos.

__ Não traí ninguém _ Sorriu Sinval. _ Apenas achei que estive errado.

__ Joaquim Silvério dos Reis! _Exclamou Bastos.

__ Bastos eu não vou tolerar isso! Gostaria muito que você fosse meu braço direito, aqui nesse trabalho! _Falou Sinval sério. Bastos não conseguia saber se Sinval falava a verdade ou não.

__ Braço direito de que? Quem é você aqui dentro? _Inquiriu Bastos.

__ Eu sou um policial federal com orgulho. Comando uma delegacia Federal. Sou o chefe da operação que visa limpar as forças armadas, e os homens públicos.

Era demais. Bastos sentia nojo. Quem podia prever que dois amigos da mesma classe, com o mesmo ideal, fossem ficar assim! Em lados opostos.

__ O que quer de mim? Faça o seu interrogatório. _Falou Bastos querendo acabar logo.

__ Eu queria saber se tudo que tem aqui nesses documentos é verdade. O que me diz?

__ Não posso dizer nada não sei o que está escrito ai! _Bastos estava impaciente.

__ Sempre teimoso em? Vamos conversar sobre nós. Faça de contas que estamos em minha casa, bebendo tranquilamente. Afinal somos amigos! _Falou Sinval outra vez cínico.

Levantou-se foi à geladeira, de lá tirou uma garrafa de cerveja e dois copos.

***

Capítulo 3

Bastos acompanhou com os olhos o seu ex - amigo. Recebeu o copo cheio de cerveja, mas não o levou aos lábios, falou:

__ Porque esse suspense?

__ Sinto muito, gostaria de convencê-lo de que esteve errado. _Falou Sinval.

__ Em que eu estive errado? _Perguntou Bastos sem beber a cerveja.

__ Bom, não queria entrar nesse assunto agora. Você sabe o que fiz nesses últimos anos? _Perguntou Sinval adiando o que interessava.

__ Não sou adivinho! É verdade que tentei entrar em contato com você, mas não deu.

__ Pois é! Foi difícil. Mas entrar em contato com grupos terroristas você conseguiu!

__ Que diabo eu faço aqui? _ Bastos levantou-se, botou o copo em cima da mesa do Sinval, _ Sei que vocês exageram, todos que vivem no Brasil são suspeitos. Prefiro ficar calado.

__ Você lembra-se de sua irmã Estela? _Sinval falou divertido

Bastos empalideceu. Estela era sua irmã mais nova. Tinha ido estudar em São Paulo e depois no exterior. Ninguém sabia por que o contato com ela havia sido cortado. Seus pais sofriam horrores com essa separação. O primeiro pensamento de Bastos foi de que algo horrível estivesse acontecido com sua irmã, tão amada por todos. Com voz trêmula, falou:

__ O que aconteceu com ela?

__ Eu perguntei, se você se lembra! _Insistiu Sinval.

__ Claro, imbecil. Claro que me lembro. E faz tempo que quero revê-la meus pais ainda não enlouqueceram porque eu os animei. O que aconteceu com ela?

__ Calma, _ Sinval ria _ nada grave.

__ Fale logo onde está ela, vamos. Fale! _Bastos estava transtornado.

__ Calma eu já falei que calma! _Sinval se divertia.

Mas Bastos estava com a paciência esgotada. A lembrança da irmã o transtornara. Ergueu-se e inclinando-se, agarrou na gola da camisa do Sinval, sacudindo-o com força:

__Vamos imbecil fale! Onde está minha irmã?

__ Você sabe, se eu chamar meus homens. Você vai se dar mal. _Gemeu Sinval.

__ Pode chamar até o diabo! _Bastos gritou descontrolado.

Dizendo isso, Bastos, suspirou. Aos poucos, foi afrouxando o colarinho do Sinval. Deu um passo para trás, e sentou-se na cadeira. Estava cansado. Talvez eles fossem machucar-lhe os nervos. Preferia a tortura física. Quem rompeu o silêncio foi o Sinval:

__ Sua irmã é minha esposa!

__ O que? _Bastos mudou a fisionomia. Não acreditava naquilo.

__ Verdade. Pensei que você fosse se sentir orgulhoso! _Sinval brincou.

__ Talvez me sentisse em outras circunstâncias. Porque ela nunca nos escreveu? Na era da informática e se conservar longe da família? Ou você a obrigou a fazer isso?

__ Pense como quiser. Sei que a uns anos atrás seria para você a melhor notícia.

__ Talvez você tenha razão. Mas no momento é natural que isso não ocorra. Sou um preso político destinado a desaparecer. Papai sabe disso? _Falou Bastos.

__ Não. Não saberá logo. Entre você e ele não pode haver contato. Se Estela ver você aqui e entrar em contato com seu pai, não resistirá a curiosidade, dará com a língua nos dentes.

Bastos pálido como um papel branco ergueu-se e acertou um murro no rosto do Sinval, tentou de novo, mas foi agarrado por dois policiais que acabavam de entrar. Bastos se debatia com furor. Um policial falou:

__ Chefe é melhor algemá-lo.

__ Não é preciso, podem ir. _Despachou Sinval.

Os dois homens saíram. Outra vez Bastos sentou-se na cadeira. Estava desolado.

__Veja Bastos, você está precipitando as coisas. Devo dizer que você tem dois sobrinhos. _Sinval prolongava o sofrimento do Bastos com aquele suspense.

__ Não me importo, também tenho dois filhos. _Bastos comentou fora de si.

__ Está bem, liguei para Paula e disse que você voltava amanhã. _Sinval falou.

__ Mentiu, não foi? _Gritou Bastos.

__ Exatamente! _Sinval falava desdenhando.

__ E a Estela onde mora? _Bastos perguntou.

__ Aqui no Rio. Não poderá vê-la. Ela não sabe que você está aqui com os federais. Para ela, você está sequestrado por terroristas. _Sinval explicou.

__ Não gostaria de pedir-lhe nada. Mas sou obrigado. Você deve cumprir meu pedido pelo menos em atenção a nossa velha amizade. Pela minha mulher e minha irmã.

__ O que é? _Sinval estava curioso.

__ Que Estela entre em contato com meus pais imediatamente, inclusive, com Paula. Isso compensaria a dor de todos e eu poderia morrer tranqüilo. _Finalizou Bastos.

__ Quem lhe falou que quero que você morra tranquilo? Meio difícil o pedido. Estela não deverá fazer isso por agora. A não ser se ela quiser! _Sinval continuava se divertindo.

__ Se ela quiser? _Bastos estava ainda mais curioso.

__ Sim. Ela é que não quis entrar em contato com vocês. _Sinval mentiu.

__ Mentiroso, alguma coisa deve existir. Se fosse só isso, você teria entrado em contato sem ela querer! _Bastos cada vez tinha mais raiva.

__ Você é quem sabe em quem acreditar. Beba sua cerveja! _Mandou Sinval.

__ Não quero isso. Estou cansado. Porque não me manda outra vez para a cela?

__ Gostou dela, foi? _Zombou Sinval.

__ Imbecil. Não sei como um amigo se torna um inimigo, por causa de um punhado de cruzeiros. Ou um cargo! _Bastos provocava o cunhado.

__ Nada disso, é o amor pela Pátria! _Sinval bateu no peito.

__ Você acha que eu não tenho amor a Pátria? _Por sua vez perguntou Bastos.

__Talvez eu ame essa Pátria mais que você! A vocação do homem é a liberdade. Vocês querem implantar o regime de escravidão. O comunismo! _Sinval apelou.

__ Sabe qual é o meu crime? Sonhar! _Poetizou Bastos.

__ Bastos, os terroristas cometem horrores! _Sinval parecia não ter pressa.

__ Os terroristas são vocês mesmos. Estão no poder ilegalmente aí apelam para a violência. São os lobos vestidos de ovelhas! _Bastos continuava filosofando.

__ Incrível, ouvir isso de um militar. _Comentou Sinval.

__ Ora, porque não me afastaram simplesmente do exército?

__ Bastos, isso eu não decido. Não pense que eu sou um monstro. Cumpro o meu dever. Não sou eu que vou interrogá-lo, nem condená-lo, certamente, você não tornará a me ver!

Bastos olhou em seu relógio, que ainda estava ali em seu pulso, passava das dez horas.

__ Quando vai me mandar para a cela? _Perguntou ele.

__ Gostaria de nunca fazer isso. Mas sei que você é teimoso demais para isso acontecer! Que falta para você obedecer ao comando? É só fazer o que todos fazem, terá sua vida normal!

__ Vejo que existem muitas informações falsas contra mim. Vocês interpretam qualquer gesto meu como se eu fosse um criminoso. Não sei, pois em que devo mudar. Minha vida foi sempre assim! _Bastos falava calmo

__ Você não se lembra que recebeu o terrorista Antonio de Pádua em sua casa? E o apoiou, dando-lhe dinheiro? _Sinval fez um gesto de quem estava impaciente.

__ Vocês inventaram esse Antonio de Pádua, de que adianta que eu negue não irei a julgamento minha sentença está decretada! _Concluiu Bastos.

__ Não exagere Bastos! _Pediu Sinval.

__ Exagero? Ora, será que eu não conheço os meus colegas de farda? Será que não conheço milhares de casos assim? Vocês me farão confessar o que nem em sonho eu fiz. O correto é que eu para vocês seja culpado eternamente. _Falou Bastos visivelmente cansado.

__ Não quer dizer que nós somos injustos? _Perguntou Sinval fazendo pouco.

__ Não, são justiceiros. Mais que honestos. Diz-se que sou culpado, fazem vocês mesmos a acusação, arranjam testemunhas falsas, arranjam detalhes. No final não haverá dúvidas!

__ E se prendermos sua mulher? _Provocou Sinval.

__ O que tem ela com isso? Imbecil! Sejam pelo menos humanos; não toquem em minha mulher! _Os olhos de Bastos faiscaram de ódio.

__ Pois, cale esse bico ta? _Ameaçou covardemente Sinval.

__ Maldito! O meu melhor amigo tornou-se meu pior inimigo. E pior que se casou com a minha irmã. Se pudesse eu o mataria! _Bastos ameaçou o cunhado.

__ Vamos Bastos. Você faz o que eu mando. Se fizer será livre e cancelo esse dossiê.

__ O que quer imbecil? _Perguntou Bastos sem muito interesse.

__ Assine esse papel! _Falou Sinval apontando um papel na mesa.

__ Para que querem isso? _ Bastos recebeu o papel e começou a ler.

“Eu declaro que terrorista me sequestraram, e a polícia federal me resgatou. Não sou nada do que certos terroristas dizem de mim. Eles queriam minha colaboração para que eles bombardeassem o quartel general onde sirvo.”

__ Isso é para a opinião pública. _ falou Sinval.

__ Sabem que detesto falsidade? _Lembrou Bastos de frente para Sinval.

__ Sim, mas quem perde é você. _Sinval continuava ameaçando.

__ Perco o que? _Bastos perguntou em tom de desafio.

__ Você viveria em qualquer lugar do Brasil sem vínculo militar. Ou seja, seria desligado do exército. E estaria com sua família. _Sinval prometeu.

__ Com você nos meus calcanhares? _Bastos quis saber.

__ Certamente! _Concordou Sinval.

__ Montarão uma farsa para dizer que me pegaram em flagrante! _Continuou ele.

__ Você está imaginando coisas. _Sinval negou sem convencer.

__ Ora acha que vou me confiar? Sem respeito saio daqui e entro numa pior!

__ Quer dizer que rejeita a liberdade? _Perguntou Sinval lavando as mãos.

__ Não é isso. Não aceito condições para ser livre. _Respondeu Bastos firme.

__ Irá se arrepender! _Sinval tornou ameaçá-lo.

__ Não importa. Veja você, não foram terroristas comuns que sequestraram. E sim terroristas federais. Não houve nada de resgate. Esse negócio de explosão do quartel nunca existiu. Porque eu ia assinar tanta mentira? _Foi a resposta do Bastos.

__ Se faz tudo para alcançar a liberdade! _Lembrou Sinval.

__ É verdade até ter certeza de que vocês cumpririam a outra parte. Isso é difícil, ou melhor, impossível! _Bastos não acreditava que eles cumprissem qualquer acordo.

__ Dou-lhe minha palavra! _Garantiu Sinval.

__ Sua palavra não vale nada para mim. _Falou Bastos bem alto.

__ Bastos, eu não quero o seu mal! _Sinval mudou de tática.

__ Não quer? E porque trama tanta mentira? _Desdenhou Bastos.

Sinval estava impaciente. Apertou um botão e logo apareceram dois policiais.

__ Levem esse homem para a sela _ virou-se para Bastos: _ Você não assina?

__ Não! Isso é tudo. _Falou Bastos encarando o cunhado.

__ Toquem ele daqui! _ Falou Sinval de cara feia.

Depois que os homens saíram, Sinval fechou a porta com força e voltou a sentar-se. Estava desolado. Prometera ao alto comando que convenceria o Bastos, de assinar a nota. Queriam acusar os terroristas de tentarem explodir o quartel.

Sua carreira corria perigo. Fora ele mesmo que dera a dica de o Bastos ser sequestrado. Não que ele tivesse cometido algum crime. Mas era muito visado. Pensava em matar dois coelhos em uma pancada só. Afastaria o Bastos do exército, porque ele divergia em muitas coisas e acusaria os terroristas perante a opinião pública.

Agora ele não seria livre com facilidade. Seu caso se caracterizava, como um insubordinado. Por seu turno o Tenente Bastos, com certeza de que ainda se assinasse aquela nota, sua prisão seria mantida. Como Bastos falara ele não teria mais sossego!

Depois de passar longo tempo, com as mãos espalmadas sob o queixo raciocinando, chegou a uma conclusão. Apertou o botão e um policial apareceu.

__ Sim Senhor chefe!

__ Traga-me os documentos do tenente Bastos imediatamente.

O policial fez uma continência e se afastou. Sinval sabia que era crime o que ia fazer, mas estava decidido. Em alguns minutos a porta se abriu. O policial entrou e entregou uma carteira para o chefe dizendo:

__ Aí também tem dinheiro.

__ Pois devolva o dinheiro, entendeu? Eu vou perguntar a ele se recebeu. _Falou Sinval.

__Num minuto! _Grunhiu o policial retirando-se.

Sinval retirou os documentos um por um. Examinou com cuidado a rubrica do Bastos pegou um papel e começou a treinar para ver se podia fazer uma rubrica igual. Ao cabo de meia hora parecia Ter conseguido.

“Acabo de ser resgatado pela polícia federal, que montou um esquema descobrindo meu paradeiro. Estive em mãos de terroristas que queriam a minha colaboração para dinamitar o quartel do exército dessa cidade. Não aceitei. Ameaçaram-me de morte, quando fui salvo. Devo dizer para minha esposa, que ficarei uns dias sob custódia, por isso não vou para casa imediatamente. TENENTE BASTOS.”

Sinval sorriu. Tornou a apertar o botão e o policial apareceu.

__ Sim Senhor chefe! _Falou ele.

__ Passe essa nota para a imprensa, falada, escrita e tele-visada. _Ordenou Sinval.

__ Sim Senhor! _Assentiu o subordinado.

Os repórteres admiraram-se da rapidez dos acontecimentos. Um falou:

__ Posso falar com o Tenente?

__ Não. É proibido. _Falou o policial.

__ Por quê? Podem me revistar e me acompanhar... _Ofereceu-se o repórter.

__ É ordem. Não poderá vê-lo. Estratégia de segurança. _Tentou explicar.

__ Pouco tempo. _ Diz outro repórter.

__ Não, já foi feito o suficiente, publiquem a nota. Os parentes dele devem agradecer. Eles querem notícias. O resto é segredo militar! _Concluiu o policial.

Quando Sinval deixou o gabinete, era hora de ir para casa, quase foi atropelado por uma multidão de repórteres.

__ Nada tenho a declarar! _ Foi com essa frase que se se esquivou entrou em seu carro saindo em disparada! Chegou a casa quase meia noite Estela veio atendê-lo estava aflita.

__ Que tal. Acharam meu irmão? _Perguntou ela.

__ Sim foi resgatado, essa notícia será publicada em todos os jornais de amanhã.

__ Ele está bem? _Continuou Estela.

__ Muito bem. Foi só um susto. _Falou Sinval cansado.

__ Eu posso vê-lo amanhã? _Tornou Estela.

__ Nada disso. _Respondeu Sinval seco.

__ Ora Sinval, já é hora de deixar dessa bobagem. Qualquer hora dessas deixo de lhe obedecer e vou abraçar toda minha família. _Comentou Estela desanimada.

__ Você me prometeu! _Sinval falou esboçando um sorriso.

__ Já estou cheia, nunca soube o motivo. Estou quase dizendo que quebro a promessa

__ Você não está louca em? _Falou Sinval fechando a cara.

__ Louca? Louca, por querer falar com meus parentes? Afinal, o que existe? Estou começando a desconfiar... _Arriscou Estela.

__ Não existe nada. Simplesmente eu gosto de suspense! _Sinval tentou contornar.

__ Veja só, estou ficando cansada, moro na mesma cidade que meus parentes e eles nem sabem se eu ainda sou viva! _Estela insistiu.

__ Calma Estela, vamos mudar de assunto? _Pediu Sinval.

Estela calou-se. Estava pensativa. Relembrava o seu passado. Sinval era o melhor amigo do Bastos. Ela fora estudar no exterior, Sinval, também por acaso se encontraram lá. Eram amigos, de repente começou o namoro. Um dia Sinval falou:

__ Que tal, se agente fica como desconhecido, desaparecido?

__ Você está louco? _Ela estranhara.

__ Não, cada um tem sua vaidade. Agente pode se casar e viver longe de parentes, ou mesmo perto sem entrar em contato! _Tornou Sinval a propor.

No outro dia ele falara a mesma coisa. Aos poucos começara a gostar da idéia. Viviam longe do Brasil e isso fizera aquela idéia absurda parecer interessante. Não sabia como mais foi o que acontecera.

Casaram-se. Ela concluiu os estudos e ele também. Há um ano ele disse que iam voltar para o Brasil. Ele estava arranjando um emprego na polícia federal. Ao chegarem ao Brasil ela sentiu uma saudade doida, mas Sinval levara a sério a loucura de anos atrás.

Todo dia ela falava do assunto. Começava a suspeitar, de que havia algo por trás daquilo. Ela parecia ter sido enfeitiçada para aceitar tal proposta. Para interromper os seus pensamentos, Sinval encostou-se nela.

__ Está magoada? _Ele perguntou.

__ Sim, estou magoada. Acho que já chega de brincadeira. _Falou ela.

__ Você sabia que o seu irmão é suspeito de apoiar terroristas? _Falou ele.

__ Você enlouqueceu? _ Estela estava realmente admirada _ Sei que ele não concorda em tudo com o regime, mas vir dizer que meu irmão ajuda terroristas, é um absurdo!

__ É pura verdade! _Continuou Sinval.

__ Você deve está doido. Em outras palavras, ele está preso? _Ela perguntou.

__ Não falei isso. _Desconversou ele.

__ Mas eu entendi. Ele será preso e daqui a uns dias será mais um desaparecido...

__ Não exagere Estela, venha cá. Vamos falar sério. Falar de coisas mais bonitas. Não vamos deixar que uma bobagem venha...

__ Não é bobagem. Bobagem fui eu concordar com você. Hoje não tenho fantasias. Agora vejo que estou sendo injusta com os meus, isso sem o menor motivo.

Sinval quis abraçá-la, mas Estela se esquivou. Deixou-o ali sentado e saiu. Estava transtornada. Não se perdoava por ter aceitado o jogo do marido. Agora tinha certeza de que Sinval escondia alguma coisa, não sabia o que. Seu irmão estava preso. Aquela história de terrorista era falsa. Queria dormir e no outro dia entraria em contato com Paula e seus pais.

Capítulo 4

Sinval desanimado entra no quarto onde estava sua mulher que parecia dormir. Deitou-se ao lado dela e ali recorda o seu passado. Uma lembrança amarga, mas sem ressentimentos e sem motivos para se arrepender. Para ele o homem que se arrepende do que fez não é homem. Portanto ele assumia tudo o que fizera no passado.

Na época do casamento do Bastos ele fora seu padrinho de casamento junto com Elisa irmã de Estela e do próprio Bastos. Eram grandes amigos e Elisa irmã do Bastos era sua namorada. Logo depois do casamento do Bastos Estela viajou para o exterior prometendo voltar para participar do casamento de Elisa sua irmã. Nesse ponto da recordação Sinval riu. Ele era para se casar com Elisa e se casara com Estela.

Aconteceu que poucos meses depois que Estela viajara, Elisa aparecia morta e o Sinval era um forte suspeito. O Coronel Arno que estava na reserva e era pai de Elisa, Estela e Bastos tentou acertar contas com o Sinval, pois o velho tinha certeza que Sinval era o assassino de sua filha.

O Coronel acionou a polícia e o juiz decretou a prisão preventiva do Sinval que fugiu para a Itália onde entrou em contato com Estela contou toda a história do seu jeito e depois de algum tempo casou-se com ela sem que seus parentes soubessem.

Sinval recordava o acidente. Ele e Elisa viajavam no carro dele. De repente um outro carro os fechou. Descobriu que o outro fizera de propósito aquela manobra arriscada, pois um dos ocupantes disparou uma arma atingindo Elisa. Sinval em vez de socorrer Elisa ou perseguir o agressor, simplesmente fugiu com medo de ser acusado. Deixou a moça e o carro abandonados só mais tarde é que a polícia encontrou os dois. Recolheu o carro e entregou o corpo da vítima para a família. Elisa estava morta e Sinval foragido.

A versão do Sinval era outra. Saíra com Estela parando num bar. Ele ia acertar uns negócios e Elisa pediu para dar umas voltas com o carro. Por isso só soubera do ocorrido através da polícia. Foi nessa versão que Estela acreditou. Ele ainda foi mais longe: Disse que o Coronel Arno acreditou nele e deu-lhe todo apoio. Mais tarde dera um jeito de dar sumiço no arquivo onde constava a acusação contra si e agora era um policial federal.

Não tinha medo do Bastos ele ficaria preso e se saísse da prisão nunca voltaria ao Rio de Janeiro. O Coronel Arno estava bem velho. Havia um inconveniente: Estela parecia não suportar mais a falta de notícias da família.

Às vezes queria acreditar que havia cometido um erro. Não devia ter se apresentado ao Bastos como fizera. Devia ter tentado fazer as pazes com o Coronel, mas agora era tarde. As coisas haviam se complicado, mas ele não era de voltar atrás e nem chorar o leite derramado. Estava na luta e agora era vencer e vencer!

Por outro lado no contesto atual o Bastos era suspeito e o Coronel também. O Bastos estava preso e o Coronel Arno ainda seria punido. Era lamentável que seu sogro e seu cunhado fossem aliados aos terroristas. Não sabia o que devia fazer. As vezes pensava em contar tudo para Estela. Dizer para ela que o Bastos estava preso por apoiar terroristas. Mas como? A nota assinada por ele seria publicada nos jornais no outro dia.

Agora mais que nunca não podia ser localizado por seu sogro. Ainda que não tivesse culpa na morte de Elisa nunca deixaria de ser inimigo do Coronel e do Bastos. Já fazia alguns anos que vinha procurando uma oportunidade para dedurá-

los. Sempre fingira comungar dos mesmos ideais deles, mas o seu maior erro foi ter se ligado a Estela. Ela se transformara num freio para ele e muito mais os filhos que significava tudo para ele e o que não faria pelos filhos? Era muito difícil ser amigo e esposo de Estela e ao mesmo tempo ser inimigo do pai e do irmão dela.

Com aqueles pensamentos Sinval rolou na cama por duas longas horas. Nem tudo estava saindo como planejara.

***

O Coronel Arno estava na varanda de casa vendo TV quando no noticiário deram prioridade ao seqüestro de que foi vítima o seu filho. Era viúvo e em casa tinha uma filha que estava em folga habitual da semana santa. O nome dela era Elina, mas em casa a chamavam de: Lina.

_Lina vem cá! _Falou ele.

_O que o senhor quer papai? _Falou ela vindo em direção ao pai.

Lina tinha mais ou menos dezesseis anos apressou-se ao notar que o pai se sentia mal. O velho Coronel apertava o peito e respirava com dificuldade.

_Eu... Veja... Seqüestraram meu Bastos! _Gaguejou ele.

_Calma papai pode ser mentira. Eu chamo seu médico? _Falou ela assustada.

_Não precisa médico traga meu remédio!

Lina saiu correndo voltando em seguida trazendo o remédio na mão e um copo com água na outra mão. Ela estava assustada com a situação do pai e a notícia veiculada na TV. Alguns minutos depois o velho mais calmo falou:

_Dizem que terroristas o seqüestraram, só que eu não acredito nisso!

_Calma papai não se preocupe com isso. _Pediu ela.

_Não creio que foram terroristas, eles se existem estão espremidos. Afinal a repressão é violenta! _Concluiu ele.

_Papai não fale, o senhor está forçando muito. Vou chamar o médico.

_Não, acho que não. Eles apressaram minha ida para a reserva. Não gostavam de mim. Sei que o Bastos foi preso pelo exército. Fazem tudo para as coisas parecerem o contrário. Eu preveni o Bastos. Bastos não recuou dos seus princípios. Está certo senão seria um covarde.

_Papai esqueça isso. _Lina continuava achando que o pai se cansava.

_Como vou ficar calado. Tenho uma filha morta, uma filha desaparecida, e agora um filho preso. _O Coronel estava abatido.

_Papai não sofra outra vez, por favor! _Lina chorava.

_Como posso viver sem recordar essas tragédias? Minha querida Elisa jurei achar o seu assassino e castiga-lo. Estela quem estará tapando a tua boca? Ou já morreste? Não entendo!

_Não papai! _Lina não conseguiu fazer o pai calar-se.

_Usei todos os meios que o regime e meu posto me permitiram. Nem uma informação sobre o paradeiro de Estela. Porque esses filhos da puta não mataram a mim? Porque me fazem sofrer tirando meus filhos?

_Papai descanse, tente dormir! _Insistiu Lina.

_Filha deixe-me desabafar. Sou eu o culpado. Sou criminoso e meu crime foi não aceitar esse regime. Estou pagando caro por esse crime. Ou será que meu sofrimento seria maior se reprimisse ou negasse meus princípios, minhas

convicções e a própria constituição. A declaração universal dos direitos humanos me assegura direitos de expressão. Direito de discordar. Estou pagando caro por querer ter o privilégio de achar que tinha esses direitos.

Lina chorava alto, mas o pai continuou:

_Minha querida Elisa. Aquele imbecil amigo da família Tramou ou se omitiu em toda aquela tragédia. Você morreu e logo em seguida morreu minha vida. Porque não me levaram também? Depois Estela desapareceu. Que ingênuo fui eu em imaginar que seria castigado, no entanto estão perseguindo minha família. Agora foi a vez do Bastos. Se eu cometi um crime eu é que devia ser castigado e não minha família. Meu Bastos eles não vão te matar de uma vez. Vão te machucar, te espremer. Deixar-te um bagaço humano!

_Papai pare! _Gemeu Lina.

_Não filha. Isso me faz bem. Quero falar o que sinto antes que eles me proíbam. Amanhã quero que tragam para cá minha nora Paula, meus netos, todos para cá! Agora minha filha traga-me um copo de água com açúcar!

Lina saiu e o Coronel sentou-se na cadeira e fechou os olhos. Deu um longo suspiro e pareceu esqueceu tudo. Lina tocou em seu ombro e perguntou:

_O senhor está bem?

_Estou muito bem. Você nunca teve uma idéia de onde esteja Estela?

_Não papai infelizmente nem uma idéia! _Respondeu Lina decepcionada.

_Você me faria um favor? _Perguntou ele de repente.

_Favor? _Perguntou ela intrigada. _ O senhor é quem sabe se eu tenho condições de fazer esse favor! Diga o que é.

_Isso me deixa feliz. Você tem condições de executar. _O velho pai ergueu o corpo bebeu um gole da garapa olhou para a filha tocou-lhe o queixo e sorriu: _Você tem condições sabe farejar, aprenderá ter sangue frio. Quero que lute por mim!

_O que o senhor está inventando? _Perguntou ela curiosa.

_Pode investigar isso, procurar Estela, localizar Bastos, em fim descobrir a trama toda.

_Papai eu não tenho idade para fazer isso. Tenho medo de cair na primeira batalha e lhe dar mais desgosto. _Lina estava totalmente contrária a idéia.

_Aí seria a família dos desaparecidos! _Entregou o copo e segurou a outra mão da filha. _O que importa é que você tem coragem.

_Eu tenho coragem, mas não tenho experiência. _Tornou ela. _Não quero deixá-lo só.

_Não fico só. Não temos escolha você faz o que eu deveria fazer.

_Nesse caso vou tentar! _Falou ela firme.

_Muito bem. Você tem quase dezoito anos e é a minha última esperança. Vá ao meu quarto e traga minha pasta. _Falou ele forçando um sorriso.

Lina voltou logo. Estava emocionada. Não tinha consciência do que estava prometendo. Agia como uma sonâmbula. Entregou a pasta ao pai.

_Não gosto de velo assim tão triste. Eu já prometi.

_Os anos não tiraram minha alegria. Também eles não me envelheceram. O desgosto foi quem enrugou o meu rosto. Você será minhas mãos, meu cérebro. Vá a luta! _Falou ele.

Aquela mão escarnada tirou uma chave do bolso estirou o braço para a filha:

_Aqui está as chaves do meu carro ele agora é seu.

_Papai o senhor nunca me deixou usa-lo. _Falou ela comovida.

_Pois agora ele é seu. Você precisa dele. Mais do que nunca você precisa continuar freqüentando a academia de artes marciais. Amanhã mesmo começa o seu trabalho de detetive. Aqui tem uma arma para você. Está legalizada faltando apenas sua assinatura.

_O que significa isso? Até parece que o senhor já estava esperando? _Desconfiou ela.

_Em parte sim. Há seis meses comprei isso e sinceramente desejei nunca ver você usando isso. Gostaria de nunca fazer o que faço agora. Não nos deixam alternativas. Aqui está o seu diploma de detetive. O mesmo diploma que arranquei de sua mão a uns meses atrás. Aqui são documentos falsos onde você já tem dezoito anos. Se jogam sujo conosco vamos usar as mesmas armas que eles. Que Deus a proteja minha pequena e Deus possa me perdoar o que faço agora!

_Papai tenho medo de não corresponder. _Lina chorava.

_Não conte com a vitória certa. Arrisque-se, persiga-a.

Lina sentiu um arrepio. Sentiu raiva dessas pessoas que causavam tanto sofrimento. Naquela noite de sexta feira Santa Lina mandou o medo ir embora. Falou com firmeza:

_Papai sei que o senhor não agüenta mais desilusões. Mas eu não posso prometer que vencerei e sim eu vou lutar! Vou lutar para vencer!

_Sim minha filha. Isso é tudo. Boa sorte! Agora vá dormir. _Concluiu ele pesaroso.

Os dois se recolheram, mas Lina não conseguiu dormir logo. Estava ansiosa. Achava muito ter que esperar até o outro dia para agir. Arrumou todo material. Engendrou um coldre disfarçando por baixo da saia. Assinou a papelada sem se incomodar se eram ou não falsos. Agora era ver por onde ia começar.

Ainda teve a idéia de, naquela noite, ir a casa da cunhada. Desistiu. Passava da meia noite. Paula devia está dormindo e quem sabe, sem maiores preocupações. Minutos depois ligou para a cunhada, mas ninguém atendeu. Lina sossegou um pouco, pois aquilo significava que Paula estava dormindo e aquilo era muito bom.

***

Em frente ao prédio da polícia Federal era usada a violência para tentar dispersar a multidão que se formou ali. Entre os manifestantes estavam repórteres que queriam documentar tudo e verem os resgatados.

Pela madrugada saia um carro da polícia Federal escoltado por dois carros do Exército. O substituto do Sinval dizia que estavam transferindo o Tenente Bastos para outro local.

_Temos receio que entre essa gente honesta que veio prestar solidariedade ao Tenente Bastos, estejam alguns terroristas. Garantiremos a integridade física do Tenente.

Um carro de um grande jornal do Rio de Janeiro ainda tentou seguir o comboio, mas foi ludibriado. Os carros do comboio faziam perigosas manobras. Com esse proceder despistava qualquer tentativa de alguém chegar perto do Tenente Bastos. Em pouco tempo a frente do prédio da PF estava vazio e os policiais de plantão e os que estavam no comboio davam sonoras gargalhadas. Chamando o povo de bestas.

Foi tudo uma farsa. O Tenente Bastos não estava no comboio devia está dormindo numa das selas daquele prédio. Era o que os policiais imaginavam. Na verdade o Tenente Bastos estava dormindo. Lera o umas páginas de um livro deitado na cama. Foi uma tentativa de chamar o sono. Pensara em tantas coisas ao mesmo tempo que era impossível entender alguma coisa do que lia. Também era impossível não dormir. Estava cansado depois de um dia cheio. Logo após a meia noite ele pegara no sono.

***

Capítulo 5

Lina ao raiar do dia estava de pé. Apesar de tantos contratempos ela sorriu. Afinal o seu sonho era ser detetive. Poderia ser apenas uma brincadeira, mas valia a pena era brincar depois de grande. Só não concordava com as circunstâncias. Gostaria de resolver casos de outros e não de sua própria família.

Arrumou-se sem perder nem um detalhe. Saiu do quarto indo direto para a garagem. Entrou no carro e ligou-o. Olhou de um lado para outro e não viu ninguém. Carro novo, motor silencioso. Buzinou e logo apareceu um rapaz.

_Abra o portão, por favor! _Disse ela.

Depois de abrir o portão o rapaz falou:

_A senhorita vai sair?

_O que você acha? Vou sair sim, por quê?

_Nada não. Não tem medo? Seqüestraram seu irmão!

_É verdade, mas você acha que eu vou ficar presa dentro dessa casa?

_Claro que não. Desculpe-me. _Falou ele baixando a cabeça.

_Não há o que desculpar. Mas você poderia me fazer um favor: Veja se o jornal de hoje já está na área da frente. _Falou ela educadamente.

Pouco depois o rapaz veio com o jornal do dia entregando a moça.

_Veja só, é manchete de primeira pagina! _Exclamou o rapaz.

_Quando papai se acordar diga-lhe que levei o jornal de hoje, ta?

_Direi sim não se preocupe!

Para Lina sua vida até aquele dia era só luxo. Devia dar o desconto dos desgostos. Saia no lucro, pois existia muita gente que além de viver na miséria, ainda tinha os seus desgostos. Lina percorria as ruas devagar, atenta. Aquele dia era sua estréia. Logo estava diante da casa de seu irmão onde estacionou o carro.

Estivera tão distraída que por acaso vira num relance um homem sair quase correndo do jardim da casa do Bastos. Foi tudo muito rápido que ela só teve certeza que o intruso tinha os cabelos aparados. Tipo militar igual ao do seu pai e do seu irmão.

Lina saiu do carro e entrou pelo portão aberto. A casa estava silenciosa. Apertou a cigarra com força e nada. Teve que repetir por duas vezes aquela operação. Estava quase perdendo a calma quando ouviu uma vós de criança:

_Mamãe o dia está claro lá fora está na hora de irmos a casa da vovó!

Lina reconheceu a vós, suspirou aliviada. Em pouco tempo toda família estava acordada. Apertou a cigarra e o silencio tomou conta do interior da casa sendo interrompido:

_Quem está aí fora? _Era a vós de Paula.

_Sou Lina, pode abrir a porta.

Logo a porta se abriu e Paula apareceu de camisola e esfregando os olhos.

_Onde está o Bastos? _Foi a primeira coisa que falou.

_Calma Paula, vamos para a casa do papai?

_Por quê? O Bastos vai chegar e eu devo está aqui o esperando.

_Paula pelo que papai falou Bastos foi seqüestrado pela policia Federal. Suposição. Vamos tudo vai se arranjar! _Lina tentava acalmar a cunhada.

_Ai meu Deus! _Paula não segurou as lágrimas. _Porque logo ele?

Lina notou que a cunhada nem lhe mandara entrar, mas não a censurou e num impulso estava dentro de casa sentada. Tentava contornar a situação Lina fala:

_Pois é, _Suspirou Lina. _Porque tinha de ser a nossa família? Foi Elisa, depois Estela, e agora o Bastos. Apesar de tudo não podemos parar!

_Pobre Lina você não passa de uma criança. E nunca nada disso se esclareceu.

_Eu sei, mas agora eu inculquei e vou investigar. _Falou Lina com convicção.

_Pobre Bastos eu sempre o preveni. _Lamentou Paula.

_Pois é Paula, a gente nunca acredita que vão mexer com agente.

_Essa noite foi horrível.

_Eu sei. Você não deve ficar aqui só com essas crianças. Vamos lá para casa.

_Não sei Lina, eu pensei em ir para a casa de mamãe! _Confessa Paula.

_Pois é, mas pelo menos passa lá em casa e fala com papai. Ele está ansioso para lhe ver com as crianças. Depois você resolve. _Insistiu Lina.

_Não sei. Mas eu devo aceitar os conselhos dos outros. Você para onde vai?

_Vou dar umas voltas por aí. Hoje sábado de aleluia quem sabe o domingo de ressurreição haja mesmo uma ressurreição?

_Lina não brinque, por favor! _Paula estava apavorada.

_Não estou brincando. Vá se arrumar e eu fico lendo esse jornal em quanto espero vocês. _Fala Lina sem demonstrar muita preocupação.

Paula estava desorientada. As crianças que não sabiam o que estava acontecendo, conversavam animadas, mas Meire já desconfiava do jeito da mãe.

_Vamos mamãe quero ver o papai! _Exclamou ela inocente.

Paula não segurou as lágrimas, mas Meire insistiu:

_Chorando? Mamãe o papai está na casa do vovô, não está?

_Está bem. Vá se arrumar a titia está nos esperando. _Paula conseguiu falar.

Lina estava atenta. Parou de ler, pois parecia ter escutado barulho de passos no jardim. Levantou-se e abriu parte da porta. Viu um cara que não parecia ser o mesmo de antes. Nada falou parecendo que não vira Lina olhando pela parte aberta da porta. Lina abriu a porta toda e falou:

_O que o senhor deseja? _Falou ela de uma vez.

_O Tenente Bastos está? _Falou ele parecendo assustar-se.

_O Tenente Bastos não está aqui e não sabemos onde ele está.

_O que? E ele não foi resgatado? _Falou ele admirando-se.

_Bem os jornais publicaram isso, mas até agora ele não chegou em casa. Não estou acreditando muito nessa história. _Disse Lina.

_Que coisa eu pensei que ele já estivesse em casa! _Continuou ele.

_Como pode ver ele não está! _Tornou Lina.

_Que está acontecendo? Parece que até a família está tramando contra o Tenente!

_Acho melhor o senhor ficar calado. Nós estamos ocupadas e preocupadas!

_Concordo, mas vocês estão escondendo muita coisa. _Comentou o cara.

_Pois eu garanto que sabemos menos que o senhor. Nós que somos os parentes dele somos obrigados a aturar gente como o senhor que parece não ter o que fazer.

_Pobre de mim. Eu também sou perseguido pelo regime como o Tenente Bastos.

_Existe uma diferença: _Ponderou Lina. _Meu irmão não deve nada a policia Federal, portando não é perseguido. Isso foi trama de terroristas e quem sabe o senhor não será um deles? Não venha o senhor dizer que meu irmão é um fora da lei.

_Que sermão. O seu irmão é um de nós, ele é o meu contato Planejávamos uma explosão. _O cara falou descaradamente.

_É mesmo? O senhor quer que eu acredite naquela nota do jornal? O senhor acaba de provar que está mentindo. Se fosse verdade o senhor viria falar isso logo para mim?

_Você é uma boba. Foi seu irmão que me mandou aqui! _Exclamou ele.

_Mentira! _Lina quase gritou.

_Teria coragem de me entregar a policia?

_Porque eu iria fazer isso? O senhor é um policial! _Disse ela sem se intimidar.

_Eu? _O cara falou fingindo bastante espantado.

_Um policial sim! Quer ver?

O braço direito de Lina girou muito rápido acertando em cheio o rosto do cara. Ele rodopiou quando ia reagir uma pistola surgiu na mão de Lina.

_Calminha meu amigo! _Falou ela.

O cara de olhos arregalados falou:

_Deixa está, você será a próxima!

_Próxima o que imbecil!

Naquele momento apareceu Paula assustada.

_O que é isso? _Engasgou ao ver a arma na mão de Lina depois conseguiu falar: _Você enlouqueceu? _Lina sem se distrair falou:

_Não se preocupe Paula. _Virou-se para o cara e continuou: _Vamos! Entregue os documentos para a senhora dona Pula! Depressa!

O homem obedeceu e Pula tremendo recebeu a carteira com os documentos do cara.

_Leia isso Paula. _Ordenou Lina sem desviar a atenção.

Paula leu os dados de todos os documentos que existia na carteira do homem, inclusive a credencial que provava que ele era um policial Federal.

_Estão confirmadas as minhas suspeitas. _Falou Lina tranqüila. _O Tenente Bastos está em poder da polícia Federal, correto?

_Correto. Foi a polícia Federal que o resgatou, portanto onde ele estaria?

_Quer dizer que já esqueceu que o senhor ia explodir um quartel? _Lina não estava brincando. O caro percebeu e suava por todos os poros. Lina considerou que ela era iniciante enquanto que o outro era um policial experiente. Mais tempo menos

tempo ele poderia reverter a situação. Por isso falou: _Vá embora daqui. Leve os seus documentos e felicidades!

_Porque não me mata? _Perguntou ele.

_Você acha que sou criminosa igual a você? _Falou Lina.

_Veja como fala, sabia que vai se arrepender? _Ameaçou ele.

_Com certeza vou me arrepender, mas vá. Eu devia era pegar você como refém e você me levaria ao meu irmão. Não farei isso sei que são covardes, a própria polícia te mataria. A famosa queima de arquivo! Portanto saia é bem melhor. Acho que não deve contar para ninguém o que aconteceu aqui. Certamente fariam gozação de você. Além disso, correria o risco de ser eliminado já que falhou em sua missão. Sei que você vai querer desforrar azar o seu. Posso levar desvantagens isso não importa não tenho nada a perder. Vamos saia daqui!

_Mas... _Gaguejou ele.

_Nem mais uma palavra! Saia! _Lina estava impaciente. _Nem mais nem menos. Quer que apareça aqui um reporter e eu faça você declarar certas coisas? Você conhece essa bichinha aqui? _Lina apontou a arma encostando-a no peito do cara. Saia! Dou-lhe dois segundos: Um, dois...

O cara saiu. Quando ele atingiu a rua Lina guardou a arma e entrou em casa sendo seguida pela cunhada que estava agoniada e foi falando:

_Lina pelo amor de Deus que negócio é esse?

_Paula você ouviu tudo não ouviu? _Disse Lina prontamente.

_Lina você não deve está boa do juízo! _Tornou Paula.

_Apesar do que vem acontecendo em nossa família eu estou perfeitamente bem.

_Lina você sabe que arranjou pulga para se coçar? _Paula estava preocupada.

_Sei disso. Que cocem quero espremê-las de uma a uma.

_Pobre Lina você está louca! _Falou Paula balançando a cabeça.

As duas sentaram-se e Lina contou toda história inclusive a conversa com o pai. Paula não segurou as lágrimas escutou quase toda história chorando. No final falou entre soluços:

_O senhor Arno não podia ter feito isso com você!

_Paula não fique assim agente cansa. _Lina explicou.

_Eu sei. Morreu Elisa. Desapareceu Estela. Morreu sua mãe. Desapareceu meu marido que é seu irmão, mas quem é você para enfrentar esses poderosos? Não dá um caldo!

_Talvez você esteja certa, mas vamos esperar para ver! _Desafiou Lina.

_Não seja boba. Você é só uma menina. O que passou, passou. Não será você que vai resolver tudo essa luta é desigual.

_Paula eu tenho consciência disso. Você sabe agente tolera esquece muita coisa, mas chega a hora que não dá mais. Chega o limite e as coisas se tornam insuportáveis! _Esclareceu Lina.

_Lina você não vai resolver nada. Daqui a pouco será presa e desaparece e as coisas ficam pior. _Paula sentia medo e com razão.

_Eu sei disso, você está certa, mas...

_Lina, Lina, mas o que?

_Paula eu não posso ficar de braços cruzados. Pelo menos devo tentar.

_Você é muito teimosa. Será que acha pouco o que aconteceu com a nossa família?

_Longe de mim achar pouco o que nos aconteceu. Pelo contrário foi muito e por ter sido muito explodiu. Vamos Paula estamos perdendo tempo.

_Vamos, se você quer assim. _Paula suspirou.

_Assim ou assado, você tem alguma coisa para eu comer? _Lina estava animada.

Não havia nada pronto, a não ser um pedaço de bolo na geladeira. Em pouco tempo estava tudo arranjado. O silêncio parecia sufocar. Incrível que até as crianças estavam caladas. Paula parecia ter entendido que ela tinha obrigação de mudar aquilo, a casa era sua. Falou:

_Você deve ter um plano, conte-me o que vai fazer!

_Eu não tenho um plano. O que aconteceu a pouco foi por acaso. _Confessou Lina.

_Refere-se ao caso do policial? _Perguntou Paula.

_Isso mesmo. _Confirmou Lina.

_Pelo amor de Deus Lina aquilo vai feder! _Alarmou-se Paula.

_Não duvido, mas o que eu iria fazer? _Perguntou Lina.

_Está bem. O que você acha que aconteceu ao Bastos?

_O que eu sei que ele foi seqüestrado e não por terroristas. Se foi, foi por terroristas oficiais. Terroristas que são pagos pelo povo e usam a lei para se esconderem.

_Em que se baseia Lina? _Perguntou Paula.

_Bem, esse negocio de resgate em que o resgatado fica incomunicável. O policial hoje cedo querendo ser terrorista. A nota no jornal.

_Não sei. Eu preveni ao Bastos que era perigoso. _Lamentou Paula.

_Está querendo dizer que o Bastos é cúmplice?

_Não falei isso, mas todo mundo sabe o que tem acontecido. _Paula chorava.

_Paula de qual crime podem acusá-lo? _Perguntou Lina.

_Sinceramente eu não sei. _Disse Paula firme.

_De nem um crime Paula. Se tivessem uma acusação com provas eles o prenderiam abertamente. Levariam a um tribunal. Você acha que o Bastos devia fazer o que?

_Não sei. Tudo está muito confuso. _Paula continuava chorando.

_O regime é assim: Só o alto comando sabe das coisas. Quando dizem que um é um marginal, fica sendo. Reúnem provas falsas forjam flagrantes montam situações. Além disso, eles têm uma rede de dedos duros espalhado por todo pais.

_Espere aí Lina, você acha que o Bastos foi vitima...

_Isso mesmo: Vítima de algum dedo duro que por um motivo banal o denunciou quem sabe inveja. Não tendo do que acusa-lo, inventaram esse seqüestro a fim de fazer a cabeça do povo.

_Nesse caso o Bastos será liberado. _Animou-se Paula.

_Creio que sim, nesses dois dias, dois meses, dois anos ou duas décadas sei lá.

_Lina pelo amor de Deus você me mata! _Falou Paula.

_O que você esperava? _Perguntou Lina.

Paula voltou a chorar chamando a atenção de Meire que falou:

_Titia porque a mamãe chora?

_É que o papai ainda não chegou. _Explicou Lina.

_Com certeza ele está na casa do vovô! _Tornou a menina.

_Não Meire ele não esta la. _Assegurou Lina sentindo pena da sobrinha.

_Ora e onde está o papai?

_Olha Meire, _Lina agachou-se. _Você já ouviu falar de gente que é presa?

_A senhora quer dizer que o papai está preso?

_Isso mesmo, seu papai está preso. _Lina confirmou.

_Quer dizer que papai é bandido? Bandido é que vai preso.

_Não Meire me deixe explicar: Existem muitos que não são bandidos e estão presos. Muitas vezes são do bem muito mais que os que os prenderam. _Concluiu Lina.

_Agente ver na televisão a polícia prendendo bandidos e sempre o bandido morre no fim não é tia? _Insistiu a pequena.

Meire não se interessou pela resposta. Passou a conversar com o irmão. Lina suspirou aliviada. Foi a pequena que mudou o assunto. Lina sentiu que era a hora de encerrar o papo.

_Que tal, vamos para a casa do vovô?

_Não sei Lina, _Falou Paula. _Mamãe me espera desde ontem.

_Liga para ela. Sei que no sítio é mais calmo, mas faço questão que passem uns dias conosco. Vamos? _Lina deu o assunto por encerrado.

_Tudo bem, mas se o Bastos chegar? _Perguntou Paula.

_Vocês não tem um local combinado para deixarem as chaves? _Perguntou Lina.

_Temos sim. _Paula confirmou.

_Então deixe as chaves lá. Você não pode ficar aqui com essas crianças com a nervosa flor da pele. O Bastos vai entender. _Garantiu Lina.

_Meu Deus porque esses intrometidos bagunçam a vida dos outros? _Resmungou Paula.

Lina pegou a bagagem e levou para o carro. A cunhada estava desinteressada de tudo já no carro ela fala:

_E o policial o que irá fazer?

_Paula isso é para você ter perguntado a ele, pois eu não sei.

O carro saiu.

Capítulo 

_Esqueça isso cara, o que passou, passou. _Era o amigo do policial que chegara da casa do Tenente Bastos. Mas, o outro parecia ser teimoso igual uma mula.

_Não posso esquecer ela me humilhou e haverá torna.

_Você já foi longe demais. Não tinha que ir lá. Seu trabalho era observar de longe. Se o chefe souber disso você poderá ser punido. É melhor engolir seu orgulho e não complicar mais as coisas. Prender essa moça é fácil, mas resta saber se isso está nos planos do chefe.

_Eu fui humilhado! _Insistiu o policial.

_Humilhado coisa nenhuma. A mulher está entrando em todas as áreas e se saindo bem. Quanto ao nosso trabalho, nada pode ser pessoal. Temos que

obedecer ordens. O que conta é a corporação. Se quer se vingar deixe nessa mesa suas credenciais. Afaste-se da corporação.

_Pensei que quisessem liquidar logo com o caso.

_Calma rapaz, você está enganado. Sou o seu chefe e para nós o problema é o Tenente Bastos. Ela é apenas uma mocinha ingênua. Você se sinta satisfeito por eu não relatar isso ao chefe.

_O que é que tem ela, é sua amante? _Falou o policial bastante magoado.

Sinval olhou feio para o policial e falou duro:

_Vá para o seu posto!

O policial saiu visivelmente aborrecido e Sinval não estava tranquilo. Nunca passara pela sua cabeça que Lina fosse capaz de fazer aquilo. No momento deixaria as coisas como estavam. Se ela se tornasse uma ameaça, aí sim, seria hora de bolar alguma coisa.

O caso do Bastos em poucos dias cairia no esquecimento. Talvez o seu problema era pior. Sua Estela, com que dormia todas as noites, era irmã do Bastos. Até quando ela iria aceitar aquela situação de não poder entrar em contato com seus parentes? Era só ver o papo que os dois tiveram naquela manhã. Ela dissera:

_Eu gostaria de saber, porque não posso ver minha família?

_Assim será melhor para você e para eles. _Respondera o Sinval.

_Mas por quê? _Insistira ela.

_Estela tire essa história de sua cabeça. Esqueça isso de uma vez! _Arrematou ele.

_O que? Tirar essa história da minha cabeça? Sinval eu sou uma pessoa normal. Sou formada e adulta. Porque não posso falar com meu pai? Isso é loucura.

Estela tirara-o do sério.

_Não seja teimosa, veja o que aconteceu com o Bastos! _Ele estragara tudo.

_O que aconteceu com o meu irmão? _Estela virara uma fera.

_Nada não. Esqueça o que eu falei. _Tentara remediar ele.

_Ora Sinval eu é que devo esquecer tudo! Você está me escondendo alguma coisa. Bastos também é teimoso? Foram os terroristas ou foram vocês que o sequestraram?

_Calma Estela você está louca? _Sinval tentara acalma-la.

_Sinval, não gosto de mentiras e menos ainda de mistérios. _Continuara ela.

_Mas você sempre soube que minha profissão é cheia de mistérios! _Exclamara ele.

Com aquele tipo de papo se arrastaria dias sem ninguém chegar a um acordo. O que ficara claro para ele é que precisava mudar alguma coisa. Optou por pedir sua transferência para uma outra região. Não era aquilo que havia imaginado, mas era preciso se exilar para evitar o pior. Coçou o queixo e continuou pensativo.

***

Estela em casa não pensava em outra coisa. Diziam que o Bastos estava aquartelado e protegido. Seria por isso que ela não podia vê-lo? E quanto ao seu pai que morava ali no Rio de Janeiro e ela não podia vê-lo? Aquilo era palhaçada.

Estela concluiu que, ou aquilo era uma brincadeira de mau gosto ou escondia sujeira! Naquele momento parece que lá dentro de si um fogo se acendeu. Jurou que falaria com seu pai imediatamente. Como uma louca se esquecendo de todas

as ameaças correu para o telefone, pegou o guia e folheou-o. Agora não parecia acreditar que pudesse um dia ter achado normal aquela ideia de não entrar em contato com os seus parentes. Sinval dizia que seu pai havia mudado e Bastos também, e ela uma boba acreditou nele.

Sentiu um arrepio ao pensar no seu grande amor pelo Sinval. Um remorso: Não estaria traindo o seu marido? Que loucura! Traição? Por quê? Uma decepção no guia não constava o número do telefone de seu pai. Não é que não existia e sim fora riscado de propósito. A mesma coisa acontecera com o número do Bastos.

Fechou o livro e recostou-se na cadeira. Depois de muito tempo surgiu uma ideia: Iria a casa de uma vizinha e usaria o guia dela para conseguir o número que lhe interessava. Não perdeu tempo pegou papel e caneta e se dirigiu a mercearia da esquina. Em pouco tempo estava copiado os números de seu pai e do Bastos. Voltou rápido para casa.

Outra vez em casa sentou-se e discou o número de seu pai:

_Alô! _Falou ela tremendo.

_Alô, identifique-se, por favor! _Era uma voz de mulher.

_Sou Estela e falo com quem?

Naquele momento aparecia o Sinval correndo para ela, raciocinara rapidamente, abraçou-a dizendo:

_Minha querida eu estou muito feliz!

_O que houve Sinval? _Perguntou ela frustrada. _O que aconteceu?

_Não vai desligar isso? Pensei que minha felicidade valesse mais que qualquer conversa. _Falou Sinval fingindo magoado.

Estela afastou-se já sem entusiasmo. Primeiro por ter sido interrompido sua conversa, depois por está falando com alguém proibido. Recolocou o fone de volta prometendo mentalmente de na próxima oportunidade continuar o papo. Levantou-se e foi para junto do marido.

_Pronto, porque está tão feliz? _Perguntou Estela.

_Já passou, interrompi sua conversa e você ficou magoada. _Replicou ele.

_Eu não fiquei magoada simplesmente fiquei surpresa. Fale o que ouve?

_Faz assim continue sua conversa. _Falou ele rindo intimamente.

Sinval sabia que Estela não ia voltar a ligar, pois ela estava tentando contato com a pessoa proibida. Ele dava uma de manhoso e ela nem ia desconfiar que ele fizera tudo de propósito.

_Esqueça isso Sinval, você sabe que minha conversa será primeiro com você. _Estela também usava a mesma estratégia que o marido ele precisava acreditar que ela não estava escondendo nada. _Vamos conte você estava tão alegre!

_Está bem. Acontece que eu consegui minha transferência. Vamos morar um tempo noutra cidade. Mudar de ares. _Falou ele examinando a reação dela.

Estela via o marido muito empolgado e fingiu para não demonstrar sua decepção. Disse:

_Que bom, eu gosto muito de conhecer novas cidades.

Na verdade Estela queria era rever sua família. Sinval puxou-a para si e beijou-a na testa. Em seguida levantou-se e falou:

_Eu não adoro tanto novas cidades, mas o dever me chama.

_Ora Sinval, já é hora de deixar de lado essa história de dever. Você deve fazer o que for certo. Por isso tem outros agentes para ser escalado. _Comentou ela sem convicção.

_Acha você, que eu deveria me demitir? _Perguntou ele.

_Não, mas se tratasse de um caso que fere a consciência seria o melhor! Você tem seu diploma e eu o meu, estão mofando. _Lembrou ela.

_Você está certa, mas eu gosto do meu emprego. _Justificou-se ele.

_Eu também tenho uma coisa que para mim é essencial. Você me deve isso.

_Eu poderia saber o que eu estou te devendo?

_Preciso rever meus parentes. Principalmente ver o Bastos. _Falou ela sem rodeio.

_O Bastos está fora de perigo, mas já se descobriu que ele esteve em contato com terroristas e comunistas. Claro que você não poderá vê-lo. _Falou ele no mesmo tom.

_Espere aí Sinval, não venha com essa! _Reagiu Estela.

_É pura verdade Estela.

_Não acredito nisso. _Reagiu Estela. _Estão inventando. Alias tudo que é bom para o povo dizem que é comunismo. Todo homem honesto que quer mudar o Brasil vocês dizem que é comunista. Quer dizer: Vendem uma imagem boa do comunismo.

_Estela será que você já se esqueceu que o comunismo não respeita ninguém e é ateu?

_Não me esqueci. Mas porque o Bastos é comunista? Porque é um militar honesto? Por querer bem ao Brasil? Por ter um pai querido por todos como ele tem? Por educar a família baseado no respeito? _Sinval estava impaciente cortou os argumentos de Estela:

_Não vamos falar disso agora!

_Por que não podemos falar disso? Se o meu irmão está livre, por que não o liberam? Estão com medo de um atentado? Tudo bem, por que não mostrá-lo aos parentes? Vocês podem fazer isso sem levantar suspeitas. _Falou Estela se exaltando.

_Se aparecessem às provas dessa acusação como íamos mostrá-lo aos parentes?

_O que é que tem? O regime age na sombra. Meu irmão, e seu cunhado permaneceria na prisão e enquadrado na lei de segurança nacional! _Estela falava firme.

_Não posso fazer nada. _Confessou ele sem querer.

_Entendi, é por isso que vai fugir? _Estela estava decepcionada.

_Fugir não. Estou sendo transferido. _Explicou ele nervoso.

_Você conhece o Bastos sabe que essas acusações são falsas, cadê sua garra para convencer essa corja nojenta de que meu irmão é inocente. _Apelou ela.

Sinval mudou de assunto. Conversou sobre assuntos interessantes até ver Estela se acalmar. Ela sabia que não conseguia nada com aquela discussão, mas o Sinval voltou a carga:

_Faça as malas, amanhã mesmo vamos viajar.

_O que? Então essa história da viagem é sério? Você faz tudo que lhes mandam?